



ASPECTOS E DIMENSÕES SOBRE A HISTÓRIA E A HISTORIOGRAFIA DA MISTIÇAGEM EM GOIÁS – 1990/2017.

Dayana Alves Gomes¹ (IC)*, Fernando Lobo Lemes (PQ). ¹dayanaag.cherry@gmail.com.

Universidade Estadual de Goiás Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas de Anápolis.
Avenida Juscelino Kubitschek, 146. Bairro Jundiá. CEP: 75110-390. Anápolis Goiás.

Resumo: O presente trabalho procura trazer uma análise da historiografia atual sobre a mestiçagem em Goiás, com o intuito de responder a problemática sobre seu uso como estratégia da Coroa portuguesa para a realização do seu projeto ultramarino de expansão territorial pelo interior da Colônia. Como um fenômeno inevitável a questão da mestiçagem ultrapassa as discussões sobre raça e de maneira diversificada entra as novas perspectivas está o hibridismo cultural, para além do hibridismo de cor que comumente é discutido, a estratificação social, que possibilita a melhor compreensão das estruturas sociais, o racismo, no interior dessas estruturas sociais, as medidas tomadas pela Coroa portuguesa para o controle do seu projeto colonial e suas consequências, A escravidão e o tratamento dado aos indígenas, a mobilidade social, bem como a abordagem que integra novos conceitos capazes de auxiliar no recorte temporal e sociológico, facilitando a compreensão sobre a história e o fenômeno da mestiçagem. A análise historiográfica torna-se necessária para a organização dos diversos posicionamentos sobre o tema e é esse o nosso objetivo.

Palavras-chave: Hibridismo. Étnico Cultural. Sociedade Colonial. Mestiçagem. Historiografia.

Introdução

O presente trabalho pretende discutir os resultados alcançados segundo as propostas do plano de trabalho que propõe uma análise da historiografia atual no período de 1990 a 2017 acerca da mestiçagem em Goiás como estratégia da coroa portuguesa para a expansão territorial no Novo Mundo durante o século XVIII.

A revisão historiográfica torna-se importante quanto às novas abordagens que seguem a ênfase dada aos particularismos da sociedade colonial portuguesa e à procura de renovações para discussões referentes ao tema da hibridação tanto





social quanto racial, a partir de 1980 quando o negro ganha lugar como protagonista na história. Segundo Vainfas, a

Miscigenação étnica e mescla cultural são problemáticas afins, embora não idênticas, que atualmente estão na ordem do dia na historiografia ocidental produzida sobre a colonização ibérica na Américas. No entanto, é questão que, entre nós, vem de longe, modificando-se ao longo dos tempos os termos, a valorização e o sentido das interpretações. (VAINFAS, 1999, p. 1)

A questão racial torna-se uma problemática delicada se pensarmos nas propostas ideológicas que regeram por muito tempo as narrativas históricas sobre o Brasil, sendo o termo “raça” carregado de preconceito de cor, no qual o negro, o indígena e o europeu são tratados com valores diferentes e que durante a modernidade definiu as relações humanas na América portuguesa.

Com o fenômeno ascendente da mineração do ouro em Goiás, a sociedade que se formará no século XVIII, foi inevitavelmente miscigenada e adaptada as necessidades urgentes tanto da coroa quanto das novas configurações socioeconômicas da região, gerando, assim como aponta SILVA (2005), novos mecanismos que contrariavam os princípios da nobreza de sangue. Desse modo a mestiçagem entre os diferentes povos modelou um universo totalmente novo, desassociado de qualquer hegemonia ideológica, principalmente a luso-ibérica. Kalina Silva completa esse raciocínio dizendo ainda que “os imaginários e sistemas de valores na colônia foram mestiços; sendo a mestiçagem a principal característica desse universo cultural” (SILVA. 2005, p. 10).

Diante disso, entendemos que os estudos sobre a mestiçagem em Goiás toma forma no tratamento dado às relações entre os indivíduos. O hibridismo não está só na cor, mas no universo cultural que vai se formando conforme o contato das diferentes etnias e costumes encontrados naquele contexto.

Material e Métodos

Essa pesquisa foi desenvolvida através de leitura e análise de textos que abordam a temática da formação da sociedade brasileira e outros sobre a mestiçagem em Goiás. Através da leitura dos textos teóricos foram feitos fichamentos, resumos e papers. As atividades realizadas foram basicamente a pesquisa bibliográfica, o





mapeamento e a classificação de obras e informações, e a análise e interpretação de dados atendendo os objetivos propostos no plano de trabalho. Além disso, o material estudado foi objeto de discussões nas reuniões frequentes com o professor orientador. Os debates em grupo foram fundamentais para o compartilhamento das diferentes interpretações e para o desenvolvimento da pesquisa. A autonomia dada pelo professor orientador aos alunos participantes da pesquisa também foi fundamental na realização das atividades propostas.

Resultados e Discussão

Os textos analisados possibilitaram estabelecer uma breve compreensão das problemáticas atuais dentro do campo da historiografia regional. As discussões são diversificadas e, dentre as novas perspectivas, estão o hibridismo cultural, para além do hibridismo de cor que comumente é discutido, a estratificação social, que pode possibilitar a melhor compreensão das estruturas sociais, o racismo, no interior dessas estruturas sociais, as medidas tomadas pela Coroa portuguesa para o controle do seu projeto colonial e suas consequências, a mobilidade social, bem como a abordagem que integra novos conceitos capazes de auxiliar no recorte temporal e sociológico, facilitando a compreensão sobre a história e o fenômeno da mestiçagem.

A ocupação luso-ibérica das Américas tem como motivador principal a exploração transcontinental dos recursos naturais, principalmente os metais preciosos, a fim de alimentar as demandas da coroa portuguesa. Dentro desse processo de exploração territorial, já é claro que a incapacidade da realização desse projeto no Brasil se deve, principalmente, à falta de contingente humano durante o século XVIII. Para tanto, surgem novas estratégias que irão favorecer o atendimento dessas demandas. Dentre elas está a comercialização de escravos capturados do continente africano e a tentativa de dominação dos nativos. É a partir desse momento que é observado o fenômeno da mestiçagem. Na introdução desse contingente imigrante como mão de obra especializada nas minas, percebe-se que

Houve, evidentemente, muitas adaptações, resignações e apuração técnica também. E é aí que hibridações e impermeabilidades culturais se compuseram, surgindo de arranjos, moldados na dinâmica da sociedade

colonial brasileira e, mais especificamente, da sociedade mineira. (PAIVA, 2002, p. 4)

A mestiçagem é considerada um fenômeno inevitável. As relações entre os indivíduos heterogêneos são vistas como mediadoras de universos diversamente ricos moldando a dinâmica da sociedade colonial. Dentro de cada universo cultural é forjado um conjunto mais amplo que engloba os diversos sistemas de valores de uma sociedade, dessa forma, considera-se que ocorre as mesclas culturais onde se introduz novos grupos étnicos ocorrendo uma hierarquização entre eles. Como discute Kalina Silva (2005), acontecia que um sistema de valores ia dialogando com sistema de valores dominante. Nesse sentido, são os conjuntos de elementos integrados que se alimentavam mutuamente e formavam novos. A esse respeito, Eduardo Paiva afirma que,

As adaptações, reapropriações e as ressignificações culturais produzidas nas terras americanas isto é, os processos de hibridação, tanto culturais, quanto biológicos, também formaram importantes instrumentos mediadores, que conectaram universos tão diversamente ricos: o africano, o europeu e o americano. (PAIVA, 2002, p. 05)

Essa sociedade mestiça baseava-se nos valores da fidalguia. A nobreza, as posses, o ócio e a ostentação eram características da elite senhorial que os colocavam em um patamar elevado diante da plebe e principalmente dos escravos e forros, criando então um mecanismo que superava a repressão física. A distinção social baseava-se, no entanto, primeiramente ao grupo socioeconômico do qual pertencia o indivíduo, depois pela cor do indivíduo. Essa era uma forma de controle cultural das massas por parte das elites.

Em Goiás, pretos e pardos se aproveitavam dessa indisposição dos membros das elites para a ocupação com determinadas atividades para conseguirem ocupar cargos públicos indesejados durante o período da formação da Capitania de Goiás. Sobre esse ponto, Márcio de Souza Soares propõe uma discussão sobre as “autoridades negociadas” que aconteciam através da barganha política que alimentava os interesses régios e os poderes locais. As tropas militares seriam então o principal meio de ascensão social para aqueles marginalizados na sociedade. Servir a coroa seria além de um honra, um refúgio para aqueles destinados a amargar a vida em função de seus antecedentes escravos. Para Soares,



[...] salta aos olhos que escravos forros e pardos livres sabiam aproveitar muito bem as intrigas e conflitos políticos entre os poderosos na tentativa de fazer valer ou resguardar seus próprios interesses. Ou seja, tiveram partido das estratégias políticas das elites locais e dos governantes, inserindo-se deliberadamente em redes clientelares, com o firme propósito de estabelecer suas próprias estratégias de ascensão social. (SOARES, 2010, p. 11)

A escravidão por sua vez aprofundou as estruturas hierárquicas existentes, sendo ela a estrutura básica da sociedade colonial. O preto tinha o seu lugar determinado e mesmo que conseguisse se igualar ao nível de bens e de direitos a um branco, era sempre subjugado pela sua cor e condição social.

Da mesma forma, o mestiço ia se adequando conforme os valores que a ele cabiam. Personagens antes ignorados pelos historiadores tomam agora posição relevante para a construção da nação, pois, como afirma Soares, o intenso jogo político e a acentuada mestiçagem da população goiana forçavam a redefinição das fronteiras hierárquicas. Nos termos do autor,

Tendo em vista a enorme escassez de pessoas brancas na capitania como um todo e particularmente em Vila Boa, tanto a postura defensiva da câmara e mais ainda a petição dos homens pardos são indícios da presença de uma elite que mal conseguia disfarçar sua porção mestiça. (SOARES, 2010, p. 14)

Outros fatores que influenciaram de forma considerável a sociedade goiana em formação no século XVIII foram as religiões que ali eram manifestadas pelos diferentes grupos e, não diferente do que já vem sendo verificado, relata-se que há uma hibridação entre os diferentes rituais religiosos. Sendo a religião católica oficial, as crenças e costumes foram se moldando no sentido que os povos não cristãos iam encaixando suas tradições, se expressando por meio das crenças populares.

Para Washington Maciel Silva, a ocupação da região das minas de Goiás acontece de forma abrupta tendo como característica social integrantes de maioria mestiça, negros e indígenas, comportando as posições mais subalternas dos povoados quando se trata de trabalho braçal. Os brancos encontravam-se nas posições mais elevadas da sociedade, ocupando os cargos públicos mais nobres.

Dentro desse contexto, a religião católica se institui como religião padrão adaptando-se ao cotidiano e aos costumes diversos praticados pelos sertanejos. A influência dos leigos mestiços, por não haver contingente clerical suficiente,



moldaram as práticas religiosas como a devoção aos santos milagreiros e protetores.

Com a nova moldura socioeconômica, as autoridades religiosas sentiam a necessidade de acompanhar o surgimento dos povoados e arraiais doutrinando seus fieis ao catolicismo. O catolicismo milagreiro penitencial desenvolveu-se entre os analfabetos e mestiços, pessoas que tinham suas devoções, provenientes de suas origens territoriais. Essas autoridades não impediam o trabalho dos fiéis, devido os interesses ligados à manutenção de seus poderes. Silva complementa esta ideia afirmando que

A cultura religiosa, fortissimamente entranhada no cotidiano da população tomava moldes próprios com abertura para a surgimento de novas liturgias e costumes. A sociedade que se forma em Goiás pelo ciclo do ouro era uma comunidade mestiça, com regras ainda estamentais vigentes discrepantes da realidade. (SILVA, 2012, p. 10)

Não menos importante, o indígena aparece nos estudos com bastante frequência, porém quase sempre comparado ao negro africano na colônia. Nos moldes historiográficos mais recentes é bastante discutido o extermínio sofrido por diversos grupos indígenas durante o desbravamento dos sertões. No mesmo sentido são bastante discutidas as ações por parte dos colonos na tentativa de civilizar, tendo como referência os moldes europeus, esses indígenas. A questão da mestiçagem no meio indígena ainda é pouco discutida. Para Marcelo Silva (2014), a exploração do ouro nas minas, a captura de indígenas para o trabalho forçado, o seu isolamento da população e a tentativa de civiliza-los são apontados como as principais iniciativas do bandeirismo na região de Goiás.

A peregrinação dos bandeirantes pelo sertão goiano levou à descoberta de metais preciosos incentivando a ocupação territorial. Com a escassez do ouro, os indígenas são tratados de forma que atendam as novas demandas da coroa portuguesa. No período pombalino foram estabelecidas novas leis que davam mais liberdade social aos indígenas, como o casamento entre nativos e colonos, ou seja, as relações sociais que envolviam o contato entre as etnias na sociedade colonial, como aponta Silva (2014), eram submetidas à aprovação ou proibição por parte dos colonos, pelo menos de forma jurídica.



Outros fatores como as missões religiosas para conversão e a subversão cultural dos indígenas, foram motivações para inúmeros conflitos. Com a implantação do Diretório dos Índios em Goiás, cuja intenção era construir aldeamentos para povoar a região, liberar os territórios ocupados por grupos indígenas não pacificados e utilizá-los como mão de obra na implantação da agropecuária e do transporte fluvial com o norte da colônia, ocorreram grandes conflitos entre colonos e indígenas que levou ao extermínio de muitos grupos. Ainda segundo Marcelo Silva,

O contato com os povos indígenas em Goiás foi norteador por interesses externos, que se refletiram de forma negativa sobre a organização tribal. Embora a redução da população indígena tenha ocorrido de forma velada dentro de um regime jurídico que atendia aos interesses do projeto colonialista, a violência foi o meio usual que marcou a conduta dos colonos com os povos indígenas. (SILVA, 2014, p. 8)

No território da capitania de Goiás, a motivação para tais posicionamentos foi de lutar contra os grupos indígenas que atacavam os colonos e de “libertar” os sertões. Diante disso, vemos que esforços não foram medidos por parte da coroa para que o projeto de expansão e conquista territorial fosse alcançado, custando-lhe inúmeras vidas de nativos e a subjugação de grupos étnicos mestiços.

Considerações Finais

No que se refere à historiografia atual, os estudiosos que tratam da mestiçagem em Goiás, seguem a linha da história cultural, diversificando as discussões em torno das particularidades da sociedade diante do contexto histórico estudado. As mesclas ou hibridação cultural e étnica são os principais fatores que constroem os posicionamentos desses historiadores sobre o tema da mestiçagem.

A historiografia no período entre 1990 a 2017 sobre Goiás na era moderna demonstra interesse em valorizar a busca pelas nossas raízes históricas e problematizar posições que estigmatizaram nosso passado, construindo um novo olhar para a história regional.

A sociedade goiana construída pelo projeto ultramarino lusitano foi, de fato, manejada estrategicamente de acordo com os interesses mais imediatos da coroa portuguesa. Devido à falta de contingente humano para a realização de tal projeto

está claro que o encontro de povos diversificados em território colonial tratou-se de uma estratégia para a consolidação dos anseios da coroa. Como consequência a hibridação social forjou uma sociedade muito específica e peculiar no interior dos sertões do Brasil.

O presente trabalho não teve a pretensão de abraçar todo o conhecimento sobre a história e a historiografia sobre a mestiçagem em Goiás. No entanto, a pesquisa foi constituída no intuito de contribuir com o conhecimento sobre o tema proposto.

Agradecimentos

Agradeço ao programa de Bolsa de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Goiás – BIC/UEG pela concessão da bolsa que permitiu minha dedicação à pesquisa. Agradeço o professor Dr. Fernando Lobo Lemes, idealizador orientador dessa pesquisa. Deixo meus agradecimentos a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para que essa pesquisa fosse realizada.

Referências

MORAES, Cristina de Cássia Pereira; PEREIRA, Alan Ricardo Duarte. **A Nobreza na Capitania de Goiás na Perspectiva dos Domínios Ultramarinos**. Revista Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, Maringá, n. 1, v. 36, p. 97-10, 2014.

PAIVA, Eduardo França. **Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo**. In: PAIVA, Eduardo França & ANASTASIA, Carla Maria Junho (Orgs.). O trabalho mestiço. Maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFMG, 2002, p.187-207.

SILVA, Washington Maciel. **O Povoamento de Goiás e o Catolicismo Milagreiro na Sociedade Mestiça**. Goiânia, Editora PUC-Go, 2012.



SILVA, Marcelo Gonçalves Oliveira e. **Os Índios e a Colonização de Goiás.** Anais do XVI Encontro Regional de História ANPUH – Rio de Janeiro: Saberes e práticas científicas, 2014.

SILVA, Kalina Vanderlei. **O Barroco Mestiço: sistema de valores da sociedade açucareira da América portuguesa nos séculos XVII e XVIII.** MNEME-Revista de Humanidades, UFRN, v. 07, n. 16, jun./jul. 2005.

SOARES, Márcio de Sousa. **Pretos e pardos na fronteira do Império: hierarquias e mobilidade social de libertos na capitania de Goiás (século XVIII).** 4º Seminário de Pesquisa do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal Fluminense – UFF. Campos dos Goytacazes, 2010.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **Espetáculo da Miscigenação.** Estudos Avançado, n. 20, v. 8, São Paulo, jan.-abr, p.137-152, 1994.

VAINFAS, Ronaldo. **Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira.** Tempo, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 1-12, 1999.